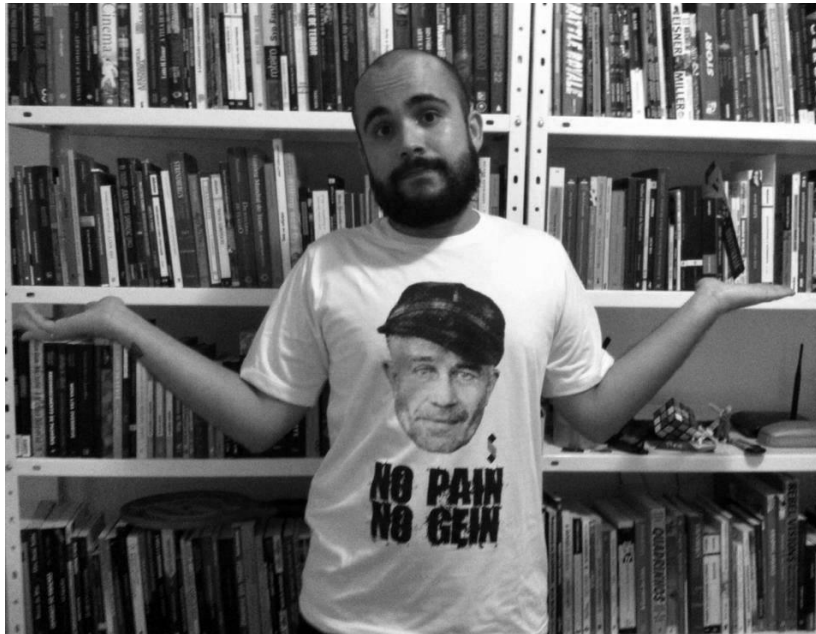


Entrevista com Juscelino Neco

ADEMIR LUIZ E SOLEMAR OLIVEIRA



Misture Tarantino com Robert Crumb e Gilbert Shelton, com pitadas de Joe Sacco e Sam Raimi, acrescentando a malemolência brasileira e o resultado desse coquetel é Juscelino Neco, um dos mais talentosos autores da nova geração de quadrinistas brasileiros. Os mais cínicos podem chamá-lo de “Professor Aloprado”, uma vez que é ao mesmo tempo um respeitável docente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e autor de alguns dos mais originais, sangrentas, politicamente incorretos e divertidos romances gráficos produzidos no Brasil. Suas “comédias extravagantes”, como ele mesmo chama. Estreou com “Parafusos, Zumbis e Monstros do Espaço”, lançado pela editora Veneta em 2013, álbum pelo qual foi indicado a três prêmios HQ Mix (Desenhista Revelação, Roteirista Revelação e Melhor Edição Especial Nacional). Na sequência veio o elogiado “Matadouro de Unicórnios” e o Best-seller “Zumbis para Colorir”, publicado em diversos países. Nessa entrevista, Juscelino Neco fala sobre seu método trabalho, influências, cinema, universidade, coloca “Watchmen” em seu devido lugar e ainda dá pistas sobre seu próximo trabalho, uma adaptação da obra do mestre do terror H. P. Lovecraft.

ADEMIR LUIZ: A narrativa de seu primeiro romance gráfico "Parafusos, Zumbis e Monstros do Espaço" é bastante descompromissada, embora siga uma linha mestra. Como o próprio título indica você fez um coquetel de múltiplos gêneros, como ficção científica e terror B, espionagem e coisas do tipo. Por outro lado, o roteiro de "Matadouro de Unicórnios" parece ter sido bastante trabalhado. Não há nenhuma cena solta ou piada gratuita. Detalhes dos cenários se mostram importantes ao desenrolar da trama. Essa mudança de foco foi intencional?

JUSCELINO NECO: Sim, foi intencional. Em "Matadouro" eu conscientemente tentei fazer uma história mais amarrada, com mais estrutura, por assim dizer. Se "Parafusos" tem um roteiro escancaradamente B podemos dizer que "Matadouro" tem um estilo que se aproxima do cinema clássico de Hollywood, uma coisa mais tradicional, convencional até. Pelo menos no que se refere à narrativa, porque eu realmente não consigo deixar de abordar temáticas bizarras e, pelo que dizem os críticos, "pesadas" e "escrotas". Mas falando assim, parece até que todos meus movimentos são friamente calculados. Na prática é uma coisa bem mais orgânica. Antes de fazer "Parafusos" eu passei muito tempo trabalhando num faroeste pós-apocalíptico com zumbis. Foi uma história cujo roteiro saiu do meu controle e eu não consegui finalizar. Quando decidi escrever "Parafusos" eu realmente tinha a ideia de produzir uma coisa menos pretenciosa, realmente tentar ver para onde a trama me levaria. Já com "Matadouro" eu tinha mais segurança do que queria fazer e, principalmente, de como fazê-lo. É um aprendizado, sempre. Espero sempre poder fazer quadrinhos melhores.

ADEMIR LUIZ: Seus quadrinhos me parecem bastante cinematográficos. Tanto nos enquadramentos quanto na narrativa. Não são raras as referências que vão desde filmes B de zumbis e alienígenas até obras-primas da matança cult como "Psicose" e "Silêncio dos Inocentes". Quanto de cinema há em seu trabalho?

JUSCELINO NECO: Eu diria que uns 80%. Não sei se isso é um defeito, mas meus quadrinhos não fazem uma exploração consciente da linguagem da mídia. Acho que nunca fiz nada nos quadrinhos que não pudesse fazer no cinema. Tenho muito interesse pela linguagem cinematografia e espero um dia poder rodar alguma coisa. E com alguma coisa me refiro a um filme de terror trash, sanguinolento, ofensivo e absurdo.

SOLEMAR OLIVEIRA: É correto afirmar que Tarantino é uma influência?

JUSCELINO NECO: Esse é um ponto interessante. Muitas pessoas têm visto uma semelhança entre o meu trabalho e o do Tarantino, o que me deixa lisonjeado. Se você me perguntasse quais são minhas influências eu provavelmente diria EC Comics, Robert Crumb, Gilbert Shelton e os filmes de terror. Dito isso, seria cinismo da minha parte não enxergar as muitas e óbvias semelhanças entre o que eu faço nos quadrinhos e o que o Tarantino faz no cinema. Os diálogos longos e bizarros, a salada de gêneros, referências e homenagens a filmes antigos, a mistura de comédia e cenas ultraviolentas... A lista segue. O que posso dizer é que, conscientemente, Tarantino não ocupa um lugar relevante no que eu considero como minhas influências, mas, como sempre gosto de salientar, o inconsciente é um troço poderoso.

ADEMIR LUIZ: Em linhas gerais, qual seu método de trabalho?

JUSCELINO NECO: É bem simples, fico remoendo algumas ideias até que decido qual delas quero tocar para frente. Só começo a escrever o roteiro quando já tenho a história planejada. Quando eu escrevo o roteiro já faço os rascunhos dos personagens, desenhos de requadros e a coisa toda. Já fica parecido com uma história em quadrinhos. Quando estou 100% satisfeito, começo o tedioso e extenuante trabalho de desenhar tudo. Ainda faço tudo analogicamente, papel, tinta, essas coisas.

ADEMIR LUIZ: Como se deu sua formação de leitor? Foi mais uma das milhões de crianças que começaram lendo Turma da Mônica ou Disney, passou para super-heróis e daí para quadrinhos alternativos e literatura adulta ou teve uma trajetória mais original?

JUSCELINO NECO: Aprendi a ler por volta dos quatro anos com os gibis da Turma da Mônica. Não lia Disney, não sei bem o porquê. Quando estava na fase de começar a ler quadrinhos de super-heróis queimei umas etapas e passei a me interessar mais por literatura. Aí pelos 15 anos eu lia Proust, Oscar Wilde, Dostoievski, Balzac, essas coisas. Eu era um tipo bem pretencioso na época, como se pode notar. Lia quadrinhos esporadicamente. Lembro que li coisas tipo Spawn, Dylan Dog e revistas de terror antigas, um hábito que herdei da minha mão.

Só me interessei a sério pelos quadrinhos quando já estava na faculdade de jornalismo, principalmente pela influência de uns colegas que liam e conheciam bastante de quadrinhos. Foi nessa época que li “Watchmen”, “Sandman”, “Maus”, “Do Inferno” e um monte de mangá. Depois disso conheci Robert Crumb e os outros quadrinistas underground que a Conrad publicava. Foi uma revelação.

SOLEMAR OLIVEIRA: Os filmes de super-heróis dominam o cinema atual. Eles têm sido fiéis aos quadrinhos? Em sua opinião, o que os estúdios deveriam acrescentar e o que eles deveriam retirar?

JUSCELINO NECO: Não acompanho muito os filmes de super-heróis. Acho a maioria bem enfadonhos. Mas curti bastante “Guardiões da Galáxia”.

ADEMIR LUIZ: Você é um artista com uma considerável formação acadêmica. Graduado e mestre em jornalismo, doutor em Ciências da Comunicação pela USP. E é professor universitário. Essa bagagem na docência e na pesquisa influencia sua obra ou é algo estanque? Você se considera um outsider na academia ou a lógica universitária contemporânea já consegue absorver um trabalho como o seu?

JUSCELINO NECO: Uma coisa interessante é que a maior parte das pessoas que conhecem meu trabalho na academia não leem meus quadrinhos. E vice-versa. É quase como se eu levasse uma vida secreta, então nesse sentido sou um outsider. Essa dualidade se acentua ainda mais pelo fato de que eu pesquiso quadrinhos de não-ficção (autobiografia, biografia e jornalismo) e faço comédias extravagantes, como gosto de definir meu trabalho. Mas no geral, acho que devo muito à minha formação acadêmica, já que aprendi a dominar essa linguagem dos quadrinhos a partir do esforço de tentar compreendê-la. Eu aprendi a fazer quadrinhos na universidade, mesmo que informalmente. Como professor universitário, finalmente estou tendo a oportunidade de ministrar uma disciplina prática de história em quadrinhos. Penso até em fazer um livro com esse curso.

ADEMIR LUIZ: Como usar quadrinhos em sala de aula?

JUSCELINO NECO: Não sou especialista no tema, mas acho que a grande contribuição dos quadrinhos para a sala de aula é introduzir um novo tipo de leitura. Compreender que códigos linguísticos e pictográficos podem ser articulados de formas diversas é importante até para compreender como todas as novas tecnologias tem se desenvolvido. Para quem quiser se aprofundar no tema, indico o trabalho do meu orientador de doutorado Waldomiro Vergueiro, que tem uma ampla bibliografia sobre o assunto.

ADEMIR LUIZ: Você já declarou que começou a se interessar em produzir quadrinhos ao ler o “Fritz, o gato”, do mestre Robert Crumb. Sua tese de doutorado é justamente sobre os aspectos autobiográficos nos quadrinhos de Crumb e do brasileiro Angeli. O que os aproxima e o que os afasta?

JUSCELINO NECO: Eu considero que boa parte do trabalho de Angeli deriva diretamente do Crumb. No que se refere ao estilo gráfico, essa influência não é tão incisiva, mas as estruturas narrativas, o estilo de humor e as temáticas abordadas são similares. Em geral, o “udigrudi” brasileiro que se articulou em torno da Circo Editorial durante os anos 1980 é calcado no comix underground da década de 1960. Mas o que diferencia Crumb de Angeli é principalmente as tradições gráficas e narrativas a partir das quais esses autores desenvolvem suas obras. Crumb parte dos quadrinhos clássicos norte-americanos: Carl Barks, Walt Kelly, George Harriman e, principalmente, Harvey Kutzman (e a MAD como um todo). Angeli, por sua vez, bebe da fonte do humor gráfico brasileiro.

ADEMIR LUIZ: Outro de “Los Três Amigos” teve grande importância em sua trajetória. Laerte foi quem indicou para Editora Veneta “Parafusos, Zumbis e Monstros do Espaço”. Qual a real importância do QI para se entrar na cena dos quadrinhos no Brasil?

JUSCELINO NECO: Não posso falar pelos outros artistas, mas no meu caso, especificamente, Laerte ter me indicado para o Rogério de Campos foi decisivo para publicação, principalmente porque eu nunca tinha publicado nada; meu blog não tinha muitas visualizações, não tinha seguidores no Twitter. Enfim, para um iniciante receber o selo Laerte de aprovação certamente tem um peso.

SOLEMAR OLIVEIRA: Quando você explora o tema ficção científica nas suas histórias, você se preocupa em realizar uma investigação dos termos técnicos de ciência e tecnologia?

JUSCELINO NECO: Tenho o hábito de sempre fazer pesquisas quando estou produzindo quadrinhos. Para “Matadouro”, por exemplo, pesquisei bastante sobre psicopatia e serial killers. Agora mesmo, escrevendo minha adaptação do “Reanimator” do Lovecraft, procurei me certificar de alguns termos médicos/veterinários. Até aprendi o nome de uma doença: reticulose traumática.

ADEMIR LUIZ: Outra de suas pesquisas acadêmicas enfocou o trabalho de Joe Sacco como quadrinista jornalista. Ele fez um trabalho notável retratando o cotidiano em zonas de conflito como Sarajevo e a Palestina. Consegui identificar alguns breves elementos desse gênero nas passagens de “Matadouro de Unicórnios” que enfocam o Maníaco do Shopping, uma referência ao Maníaco do Parque. Pretende explorar o jornalismo em quadrinhos com mais intensidade em trabalhos futuros?

JUSCELINO NECO: Tenho muito interesse em produzir jornalismo em quadrinhos, mas não nos moldes do Joe Sacco. Quero trabalhar numa estrutura que elimine os enunciados da autobiografia, essa “aventura da reportagem” que é tão comum, sabe? Um modelo que privilegie um efeito de transparência nos moldes tradicionais do jornalismo. Já tenho até um projetinho em andamento...

ADEMIR LUIZ: Voltando um pouco mais no tempo, em seu passado sujo de sexo, drogas e violência, desenterrei que seu TCC foi sobre “Watchmen”, de Allan Moore. Para muita gente, essa é a maior obra-prima dos quadrinhos, uma espécie de “Cidadão Kane” da nona arte. Você que pesquisou a fundo, “Watchmen” envelheceu bem? Sua importância é mais histórica ou estética? Ou os dois? É essa Coca-Cola toda mesmo?

JUSCELINO NECO: “Watchmen” não é a melhor história em quadrinhos nem do Alan Moore. “Do Inferno”, por exemplo, é uma HQ muito mais complexa, sofisticada e interessante. Mas, quando pensamos nos rumos que os quadrinhos de super-heróis tomaram nas últimas décadas, é difícil superestimar a importância do “Watchmen” como um modelo pra indústria.

Mas eu considero que Moore é um autor excepcional que compreendeu e utilizou como poucos as potencialidades dos quadrinhos. Ah, uma pequena trívia: Alan Moore chegou a escrever ao mesmo tempo “Watchmen”, “Miracleman” e “Monstro do Pântano”. Durmam com essa.

SOLEMAR OLIVEIRA: No filme “Unbreakable”, de M. Night Shyamalan, tem uma sequência em que um comprador vai a loja LimitedEdition do Elijah Price (Mr. Glass), personagem de Samuel L. Jackson, e depois de uma explicação inspirada sobre o bem e o mal baseada no desenho de uma luta entre Slayer e Jaguaro, diz que quer comprá-lo para o filho de quatro anos, o que deixa Elijah bem irritado. Ele diz: “Não, não, não, não, não! Você precisa ir, agora. Está vendo algum Teletubbies aqui? Está vendo um crachá preso à minha camisa com o meu nome impresso nele? Você viu um pequeno asiático lá fora, com uma expressão vazia, sentado em um helicóptero mecânico que treme quando você coloca moedas nele? Não? Bem, isso é o que você vê em uma loja de brinquedos e você deve pensar que está em uma loja de brinquedos porque você está aqui comprando algo para uma criança chamada Jeb. Assim, um de nós cometeu um erro grosseiro e desperdiçou o tempo precioso do outro. Esta é uma galeria de arte, meu amigo e isto (aponta para o desenho) é uma obra de arte”. Eis a pergunta, finalmente: quanto de Elijah Price existe nos desenhistas de quadrinhos?

JUSCELINO NECO: Há uns dois anos eu comprei um original do Flavio Colin. Na minha opinião, ele foi o melhor desenhista de quadrinhos que o Brasil já teve. É uma página de dois quadros com um cartum que ele publicou na revista MAD. Custou 50 reais.

ADEMIR LUIZ: Seu livro “Zumbis para Colorir” foi exportado para diversos países, China, Estados Unidos, França, Rússia e outros. Já vai ao banheiro da casa do Paulo Coelho de porta aberta?

JUSCELINO NECO: Eu não tenho moral nem pra ir na casa de Babau do Pandeiro.

.....
Ademir Luiz e Solemar Oliveira são Professores da UEG

